

PERCEPÇÕES DO CALÇADÃO DE RIO GRANDE (RS): QUALIDADE E VITALIDADE DO AMBIENTE URBANO

GIULIA VIANNA DOS SANTOS¹; HELENA LIMA SALINAS RAMOS²; ADRIANA ARAUJO PORTELLA³

¹²³FAURB UFPEl – giuliavianna@gmail.com; helenalima99@hotmail.com; adrianaportella@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A sociedade do século XXI enfrenta uma crescente tendência ao isolamento do indivíduo, o que segundo BANERJEE (2001) acarreta na preocupação dos planejadores urbanos com os espaços livres públicos. Estes precisam ser atrativos para acontecer a integração entre diferentes grupos, encontros e trocas. São eles as ruas, passeios, largos, vielas, praças e semelhantes.

Para verificar cientificamente quais as experiências da população, foi realizado um estudo de caso do calçadão do município de Rio Grande - RS, na Rua General Bacelar. O objetivo foi levantar dados para avaliar qualitativamente o espaço, pautando-se sempre na bibliografia referente ao desenho urbano. A investigação literária demonstra quais os métodos pertinentes de levantamento *in loco* e as maneiras de analisar estes dados tanto para identificar como o público se relaciona com o calçadão quanto estratégias para adaptá-lo melhor às novas dinâmicas sociais. Nesta etapa, foram realizados mapas comportamentais de observação em tempo real, assim como medições, registros fotográficos e filmagens. A avaliação permitirá, por fim, a elaboração de diretrizes e propostas para o planejamento do ambiente urbano.

Tratando-se de uma cidade mediana brasileira, Rio Grande conta com aproximadamente 212 mil habitantes (IBGE, 2021) e é caracterizada por ser uma cidade histórica, sendo a primeira fundada no estado do Rio Grande do Sul (IBGE, 2021). O calçadão foi escolhido por ser um dos espaços livres mais frequentados por pedestres no município, em geral motivados pela finalidade econômica. Composto um cenário marcante na memória coletiva da comunidade local, ele atravessa décadas e gerações. Localizado no centro histórico, o calçadão define um eixo entre o Largo Doutor Pio, em frente à catedral mais antiga do estado – a Catedral de São Pedro – e estende-se ao longo de quatro quarteirões até desembocar na Igreja Nossa Senhora do Carmo. Além de tudo, participa de um núcleo histórico do centro conformado por edifícios públicos como a Prefeitura, o Mercado, a Biblioteca Municipal e duas praças históricas – Praça Xavier Ferreira e Praça Tamandaré.

Os espaços livres colocam a população em uma relação de equidade entre si, segundo o conceito de espaços niveladores de OLDENBURG (2007). Para o autor, lá todos podem habitar independente de classe social, faixa etária, condições físicas ou qualquer outra característica definidora de diferenças, sendo por natureza um espaço inclusivo. O *déficit* ou apagamento destes espaço também caracteriza um posicionamento do Estado ou governo.

Analisar a adequação de áreas livres, para WHYTE (2001), é observar a relação do indivíduo com o espaço, pois naturalmente as escolhas infelizes criam áreas inutilizadas. Ademais, o autor confirma que quanto mais o local é usufruído,

maior será o interesse nele, uma vez que, o que atrai as pessoas são outras pessoas relacionando-se no mesmo espaço.

Há alguns consensos entre WHYTE (2001) e GEHL (2007), como a percepção de que espaços “sentáveis” integram os indivíduos e estimulam a socialização – sendo preferidas alternativas como grandes escadarias, arquibancadas e bordas de canteiros em relação aos bancos comuns. Além disso, citam que a presença do sol e da vegetação também são ótimas e podem ser potencializadas pela oferta de comidas e petiscos, dando qualidade a experiência das pessoas. Ou seja, diferente de grandes áreas direcionadas a uma única atividade, a multiplicidade de opções integradas umas às outras compõem uma área livre repleta de vitalidade.

2. METODOLOGIA

Como método de levantamento, foram realizadas medições com trena manual, fotografias e filmagens no local, além do mapeamento da localização aproximada dos mobiliários existentes e a criação de um mapa comportamental do ambiente. Filmagens e fotografias dos usuários no calçadão ilustram os comportamentos perante ao espaço físico dado.

Em saída de campo, foi registrada a localização dos mobiliários existentes no espaço.

Figura 1 - Mapeamento do mobiliário do calçadão de Rio Grande



Fonte: autoral, 2019.

O mapa comportamental tem o objetivo de demonstrar como o espaço é habitado, registrando a quantidade aproximada de pessoas e seus diferentes comportamentos. Ele foi executado por método de observação em um dia típico de fluxo comercial, sendo escolhido o dia primeiro de julho de 2019 para realizá-lo, no período da tarde. Cada grão simboliza uma pessoa, sendo possível extrair algumas informações a respeito também dos locais preferidos pelos usuários. Foi estimado, assim, que havia em torno de 371 pessoas habitando o calçadão. Destas, 276 estavam caminhando, 87 estavam paradas e oito estavam sentadas. Além disso, foram contabilizados 35 comerciantes de rua.

Figura 2 - Mapa comportamental do calçadão de Rio Grande



Fonte: autoral, 2019.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a aplicação do mapa comportamental, a predominância do caminhar é notável, seguida pelas pessoas paradas que observam vitrines e esquinas. Enquanto isso, o Largo Dr. Pio acomoda com exclusividade as opções de sentar – que mesmo sendo poucas, são utilizadas pela comunidade. Além disso, o largo é atravessado por uma diagonal imaginária que concentra o fluxo de pedestres. Foram observados, apesar de tudo, pequenos grupos que decidem parar brevemente em meio ao caminhar do calçadão para conversar de pé.

Os trabalhadores informais expõem seus produtos de maneira simplificada e barata, majoritariamente sobre lonas ao chão. Isso reduz a largura caminhável do calçadão de sete metros e meio, em média, para cinco ou até menos, caso haja disposição de mercadorias frente às duas faces de quadra. O público parece buscar distanciar-se e passar apressadamente por esses pontos.

O trecho do calçadão entre as vias Duque de Caxias e Andradas tem extensão similar ao Zalony e Benjamin Constant, porém o primeiro é evidentemente mais movimentado de acordo com o mapa comportamental. A partir disso compreende-se que, mesmo o calçadão permanecendo quase o mesmo, os cruzamentos entre ele e as vias podem ser mais ou menos atrativos para as pessoas. O encontro da R. Duque de Caxias é certamente o mais movimentado e com maior número de comércios ambulantes. Esta rua tem seção viária mais larga que as demais, com leito carroçável em dois sentidos, separados por um canteiro central bastante arborizado. As calçadas são também mais largas, acomodando comércios ambulantes em uma dinâmica de feira justaposta ao tráfego de pedestres e de veículos.

Quanto à mobilidade, um enquadramento dos pés das pessoas revelou que os drenos e seus respectivos gradis alteram o fluxo natural do caminhar, uma

vez que o público desvia deles sempre que possível. No entanto, foi registrada uma criança explorando o caráter diferenciado deste piso para entreter-se em sua caminhada. A pavimentação com irregularidades é arrematada por rampas inadequadas para o trânsito de pessoas com mobilidade reduzida entre as diferentes quadras que compõem o calçadão.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa mostrou claramente às alunas que a construção dos espaços livres não deve reforçar o isolamento social, e sim desenvolver a fraternidade e a democracia, dando vez para novas interações. Métodos de análise comportamental revelam muito sobre a qualidade dos projetos para cidades. O calçadão de Rio Grande se mostrou semelhante à imagem base da “cidade viva” de GEHL (2007), pois aproxima as relações de dentro e fora dos edifícios.

Apesar disso, a aplicação dos métodos de levantamento demonstrou como o calçadão de Rio Grande enfrenta graves problemas de planejamento urbano, como a permissão da construção de edifícios em altura, que deixou o ambiente fadado às sombras. Em especial o Largo Dr. Pio revelou-se um ambiente potencialmente excludente ao invés de inclusivo em seu subtexto, tal qual muitas áreas livres públicas são. A falta de acessibilidade adequada e áreas “sentáveis” faz com que as pessoas deixem de ser convidadas a ficar neste espaço. Existe um pacto silencioso que o desenho urbano hostil estabelece.

Este estudo já aponta algumas mudanças que poderiam tornar o ambiente mais inclusivo. No entanto, as próximas etapas de análise podem ser mais aprofundadas e incluir outros métodos de levantamento, como novos mapas comportamentais em diferentes dias e horários e a aplicação de entrevistas. Certamente, novas demandas surgirão e propostas de inovação poderão ser evidenciadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANERJEE, Tridib. The future of public space: beyond invented streets and reinvented places. *In*: CARMONA, Matthew; TIESDELL, Steve. **Urban Design Reader**. Oxford: Elsevier Ltd., 2007.

GEHL, Jan. Three types of outdoor activities; Outdoor activities and quality of outdoor space. *In*: CARMONA, Matthew; TIESDELL, Steve. **Urban Design Reader**. Oxford: Elsevier Ltd., 2007.

OLDENBURG, Ray. The character of third places. *In*: CARMONA, Matthew; TIESDELL, Steve. **Urban Design Reader**. Oxford: Elsevier Ltd., 2007.

WHYTE, William H. **The social life of small urban spaces**. Nova York: Project for Public Space, 2001.